

APRESENTAÇÃO

Para abrir esta apresentação, repetiremos aqui o julgamento de Henri-Frédéric Amiel (apud Le Robert des grands écrivains, 2000, p.1200-1201), em *Fragments d'un journal intime*, t.1, póstumo, 1911:

J.-J. Rousseau est un ancêtre en tout: Il a créé le voyage à pied avant Töpffer, la rêverie avant René, la botanique littéraire avant George Sand, le culte de la nature avant Bernardin de Saint-Pierre, la théorie démocratique avant la révolution de 1789, la discussion politique et la discussion théologique avant Mirabeau et Renan, la pédagogie avant Pestalozzi, la peinture des Alpes avant de Saussure; Il a mis la musique à la mode et éveillé le goût des confessions au public; Il a fait un nouveau style français, le style serré, châtié, dense, passionné.

É para celebrar os trezentos anos de nascimento (1712-1778) desse homem que deixou sua marca em tantos domínios da produção do espírito humano que dedicamos este volume da *Lettres Françaises*.

Abrindo o volume, um artigo sobre o teatro de Jean-Jacques Rousseau, mais precisamente sobre a comédia *Narcisse ou L'amant de lui-même*, de 1752. Nele, Leila de Aguiar Costa aborda os jogos especulares por meio dos quais o leitor/espectador, além do próprio protagonista, passando pela dialética da imagem e do olhar, descobrem o Eu de Narciso. Colocando-se dentro da tradição clássica, Rousseau oferece nessa peça, justamente, o caso de Valère, cujos defeitos a serem corrigidos são a sua vaidade e seu amor de si. Embora essa função moralizante apareça no transcorrer de toda a peça, a articulista detém-se, de preferência, no mecanismo que leva à correção dessa vaidade. Toda a comédia estrutura-se em torno da questão do Eu como imagem do Eu não captada pelo próprio olhar do protagonista. Como tudo passa por esse olhar, a figura retórica do retrato é a melhor para dar conta das relações visuais. Nesse texto, então, o retrato é o *topos* que será examinado pelo imagético e pelo textual, à luz da Retórica antiga, da Enciclopédia, de *Julie ou La Nouvelle Héloïse*, Paul de Man, Starobinski...

O Rousseau literário continua a ser abordado, ainda em função de questões suscitadas pelo exame do Eu, em “Ser e escrever: um estudo de *Les rêveries du promeneur solitaire*”, de Natália Pedroni Carminatti. A análise dessa obra de

Rousseau que apresenta, como se sabe, uma linguagem e uma visão de mundo centradas no egotismo, na sensibilidade, no gosto pela solidão e pelo devaneio, visa a levantar os elementos centrais da prosa poética do autor. Assim, em sua investigação, ele utiliza verbos e adjetivos que simulam um estado constante de delírio e paixão. Desenvolve, também, uma retórica temporal, usando um tempo presente que vai além de simples processo de narração para representar um presente da lembrança de momentos de felicidade plena. No entanto, ele confessa as falhas de sua memória, que podem ser produto de sua imaginação criativa. Nas dez caminhadas, há registros do estado em que se encontra, os quais, aliados a certos temas, propicia o surgimento de um novo tom na literatura francesa, que repercutirá nas gerações futuras. Em Rousseau, encontramos o estudo do ser que deseja se conhecer e desfrutar de si mesmo, que declara não existir entre os homens, com quem não estabelece relações reais ou verdadeiras, e abstém-se da sociedade.

O artigo sobre “Rousseau, Sade e Casanova: estratégias de *sensibilité* pura e de libertinagem artificiosa”, de André Luiz Barros, analisa obras dos três autores sob o prisma da contraposição entre artifício e pureza, que se desdobra e se reflete na questão erótico-amorosa. No centro da estratégia estética, filosófica e política de Rousseau, está a atualização da dimensão idílica, particularmente no quinto capítulo de *La nouvelle Héloïse* onde faz o elogio da propriedade rural autárquica de Clarens, na Suíça. Ele propõe uma nova forma de lidar com os *topoi* do pastoril e da idade de ouro. Naquela narrativa, o eixo é o tema do amor. O natural idílico da propriedade de Clarens é o recanto, pragmaticamente escolhido e justificado, onde esse amor pode surgir, florescer e manter-se intocado e fiel a si mesmo. Quanto a Sade, nos contos publicados sob seu nome, *Les crimes de l'amour*, surge a questão do amor de forma central. Nela, segundo o articulista, o marquês digladia sutilmente com a nova cultura da *sensibilité*, de cunho rousseauniano. Nesse autor está em jogo a articulação sadiana do desejo, da fantasia e da sedução. Para realizar o primeiro na vida concreta do indivíduo há as realizações de imagens, ligadas ao prazer máximo (as fantasias) e sua exploração objetiva com vistas à conquista erótico-amorosa (a sedução). Já Casanova, em *Histoire de ma vie* (1790-1798), trata de uma concepção de amor que também aponta a lógica da *sensibilité*, mas por outro ângulo, visto que, ao contrário do jogo cerebral dos libertinos sadianos, em sua autobiografia, ele se representa como homem que se envolve com o objeto a um só tempo de forma erótica e amorosa, abrindo um caminho que não é nem o do *sensible*, nem o do libertino *tout court*, dado seu distanciamento, e criando uma nova filosofia do erotismo.

Jean-Jacques Rousseau aparece como intertexto de George Sand em *Un hiver à Majorque*. Ana Luíza Silva Camarani busca características do romantismo nessa obra de Sand: estilo, temas, descrições dos espaços, utilização de elementos fantásticos. Recorre a citações e a alusões intertextuais, entre as quais se acham aquelas sobre espaços naturais e suas descrições feitas pelo genebrino, considerado por Sand como “o pai do romantismo em língua francesa”. Em sua obra, a autora francesa utiliza estruturas binárias, ternárias e quaternárias ao buscar identificar os ruídos de Maiorca, como Rousseau o fez nas *Rêveries d'un promeneur solitaire* ao recordar os dias passados na ilha de Saint-Pierre. Em ambos, apresenta-se o imaginário da ilha, espaço fechado, que responde à busca de um paraíso natural, distante da civilização. Sand descreve o aspecto selvagem de Maiorca no inverno, as montanhas, a torrente que cai até o vale, as árvores, os abismos, exatamente como fez Rousseau em *La nouvelle Héloïse*, na carta XXIII da primeira parte. A natureza selvagem, sombria, desordenada possibilita, também, que a autora a caracterize como romântica e fantástica: as vozes do vento e dos pássaros marinhos que lamentam são elementos da literatura gótica e fantástica. Mais do que uma simples narrativa de viagens e do relato dos amores de George Sand e Chopin, *Un hiver à Majorque* apresenta-se como obra do romantismo francês tributária, também, de Jean-Jacques Rousseau.

No artigo seguinte, “Rousseau e a ética da hipótese”, Érica Gonçalves de Castro examina conceitos que o filósofo desenvolveu em seus discursos *Sur les sciences et les arts*, *Sur l'origine et les fondements de l'inégalité* e no *Contrat social*: a visão negativa da cultura, noções de estado de natureza, o direito natural, vontade-geral e amor de si. Da articulação entre eles surgirá a originalidade do pensamento de Rousseau e seu comprometimento com o dever histórico. Como se sabe, para Rousseau, as ciências, as letras e as artes corrompem a essência do homem, ocultando o que tinha de original e são, portanto, índice de degeneração da natureza humana. E foi no *Contrato social* que Rousseau definiu as condições e diretrizes do processo de socialização do cidadão saído do estado de natureza. Como este último, o estado social também deve ser entendido como uma conjectura, e não uma ação histórica. Através do contrato, os membros de uma sociedade unem-se, formando um Eu comum, detentor de uma vontade geral, voltada para o bem comum do Estado, sem que o indivíduo perca, por isso, sua liberdade. Quanto ao amor de si, ele fixa a dupla natureza do homem, sendo o sentimento a forma imediata da presença de si no próprio homem.

Gustavo Cunha Bezerra aborda a concepção de ordem universal presente em *A Profissão de fé do Vigário Saboiano*, quando, motivado pela recusa do

materialismo ateu de seus amigos, Rousseau decide estabelecer uma “regra fixa de conduta”, olhar do filósofo sobre o universo de sua vida cotidiana. Na época em que elaborava as ideias que estão na *Profissão de fé*, a crença religiosa de Rousseau havia sido abalada pelo contato com os filósofos ateus, e ele, então, a retoma, defendendo aquilo que sempre pôde verificar nos êxtases de *Os devaneios do caminhante solitário*: o eu não se anula para permitir a Deus que substitua sua vontade pela dele. A unidade do homem consiste na conciliação do pensamento e das ações com a ordem boa e justa, como se vê em *A nova Heloisa*. O desejo de mudar de vida leva Rousseau a um mundo no qual a imaginação opera sem obstáculo, e ele pode ser livre. A imaginação, porém, ameaça constantemente o equilíbrio, “pois ela amplia para nós a medida dos possíveis, para o bem ou para o mal”, dirá Rousseau no *Emílio*. E ele sabe, ainda, que a causa de sua instabilidade é sua alma sensível, que lhe permite desfrutar do sentimento de totalidade ao contemplar o espetáculo da natureza (“Sétima caminhada”). Finalmente, a ideia do grande ser pelo Vigário percorreu longo caminho, o qual constitui a sistematização do pensamento de Rousseau em relação a sua concepção de Deus.

O presente volume completa-se pela apresentação de textos que abordam Gustave Flaubert, Simone de Beauvoir e J.-M.G. Le Clézio.

No primeiro, Raphael Borgato aborda “A tragédia feminina em *Madame Bovary* sob a perspectiva psicanalítica”. Ele focaliza essa narrativa que trata da insatisfação feminina com sua condição de submissão doméstica inexorável dentro da sociedade europeia do século XIX. No caso de Emma Bovary, essa insatisfação é brevemente atenuada por suas aventuras amorosas. O articulista cita, entre outros, Freud que, em seu ensaio sobre *O mal estar da civilização*, de 1929-1930, disserta sobre a questão do desejo reprimido pela instituição da civilização, na medida em que a atividade do indivíduo é ordenada para tornar possível a vida comum. Essa organização é a Lei do Pai, para Lacan, e significa a castração do indivíduo e, para a mulher, a submissão a uma figura masculina. No ensaio de Freud, além disso, o psicanalista parece formular um juízo de valor sobre a incapacidade feminina, visão que se tem da mulher, finalmente, na organização “racional” da sociedade europeia do século XIX. E, nesse sentido, Emma Bovary poderia representar uma crítica a tal organização: uma insatisfeita que encontra uma forma de confrontar a imperfeição da realidade por meio do adultério e da manifestação histérica.

Em “Fragmentação do sujeito em *La Femme rompue* de Simone de Beauvoir”, Ana Paula Dias Ianuskiewtz também aborda a maneira pela qual a subjetividade

feminina é construída e fragmentada nas sociedades patriarcais pelo discurso do Outro. É no romance de Beauvoir que a articulista exporá o modo como a obra retrata o descentramento do sujeito pelo viés do feminino e da psicanálise. Recorrendo a Stuart Hall, em *Descentrando o sujeito*, Ianuskiewtz cita os avanços que resultaram no descentramento do sujeito cartesiano na modernidade tardia: tradições do pensamento de Marx reinterpretadas e redescobertas sobre o fato de que “os homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhe são dadas”; a descoberta do inconsciente por Freud que revela que o Eu não é o lugar do ocultamento, da fragmentação, do sujeito formado por negociações psíquicas inconscientes com o Outro; Saussure que lembra a subordinação do sujeito à própria língua, dotada de significados não fixos; o trabalho de Michel Foucault que destacou a função de “poder disciplinar que algumas instituições exercem sobre a vida dos sujeitos, controlando-os e tornando-os dóceis;” o movimento feminista que trouxe para o âmbito político esferas que antes pertenciam somente à vida privada. Aqui, Simone de Beauvoir foi uma das vozes mais atuantes. Produziu obra ficcional e filosófica desde a década de 40, quando o Existencialismo era o pensamento em voga na França. Em uma sociedade na qual a mulher é condicionada a ser inferior e submissa ao homem, a romancista cita o exemplo de má-fé, ao discutir a condição da mulher: seu fracasso em assumir a responsabilidade de sua liberdade, a qual, para Beauvoir, está relacionada às circunstâncias impostas por um contexto social, uma cultura ou um momento histórico.

Finalmente, Islene França de Assunção traz o romance do premiado com o Nobel, J.-M.G. Le Clézio, *Désert*, que relata a saga de Nour e dos chamados “homens azuis” do deserto em seu percurso rumo à “terra prometida”. Ao mesmo tempo, conta a história de Lalla, menina nascida no deserto, que vive em uma favela, e sonha conhecer a cidade grande. Em uma oposição constante em *Le Clézio*, a menina conhece a face luminosa da vida nas dunas, onde é feliz e livre, enquanto sua experiência na cidade pertencerá à face sombria, pois será opressora, apavorante. Na história de Nour, o deserto é apresentado de forma mítica, espaço de total livre-arbítrio. Lembra Mircea Eliade que o homem desejará constantemente estar no lugar sagrado das origens que, por ser primordial, se reveste de perfeição e presença ativa dos deuses. Essa sacralidade espacial em *Désert* é resultado da aparição de Al Azraq, o Homem Azul, o qual, para Lalla, é Es Ser, o Secreto, espécie de divindade que foi antigo guerreiro do deserto, e cujas mãos e rosto eram azuis. Chamado por Deus, que o tornou santo, foi autor de milagres e estendeu ao deserto o caráter sagrado, tornando-o

Guacira Marcondes Machado

espaço primordial, mítico, propício ao sonho, às lembranças, onde aflorarão as tradições por meio das lendas que contam os contadores de história, pertencentes à tradição da oralidade, presente na narrativa de Lalla e na dos “homens azuis”.

Guacira Marcondes Machado